

SERPENTINA

CONTOS DA MEIA-NOITE

II¹

Lúcio de Mendonça



[1]² Foi um dia magnífico, aquele!

O palácio d'Altamira estava todo iluminado; as salas ornadas de mil flores; a música ressoando por todos os ângulos.

Donzelas vestidas de branco passeavam pelas alamedas do jardim; moços elegantes passeavam com elas.

O jovem marquês d'Altamira estava em toda parte do castelo, dirigindo e animando a festa.

Sua noiva, porém, a formosa Serpentina, estava triste.

Isto inquietava o marquês, que procurava alegrá-la.

— Como te amo, Serpentina! As estrelas fulgem áureas no azul firmamento; e, longe de teus olhos, elas me pareceriam pálidas, e o céu,

¹ MENDONÇA, Lúcio de. Serpentina. *A Chrysalida*, São Paulo, ano I, n. 2, p. 1, 15 mar. 1869.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

negro como a saudade que me enlutaria o coração. Mas porque vejo-te assim triste no dia festivo de nossas núpcias?

Serpentina balbuciou com frieza:

— É... porque sou noiva.

O marquês ficou triste.



Duas horas depois, o marquês d'Altamira dava a mão de esposo a Serpentina.

O banquete foi esplêndido e, à noite, o baile, magnífico.

Que noite e que festa!



Seis meses eram passados após o casamento.

Serpentina tinha ainda a mesma melancolia.

O marquês não podia ocultar a inquietação que ela lhe causava.

— Serpentina, querida esposa, por que és tão triste assim?... Poucas vezes me falas e, em tuas raras palavras, que frieza!

— Fui sempre triste — respondeu ela.

E suas faces tornavam-se mais pálidas.



Não podia por mais tempo o marquês ignorar a causa daquele mistério.

Pensou em não dormir uma noite para observar a esposa.

Deitou-se e fingiu dormir.

Serpentina ficou sentada no leito por muitas horas.

No velho relógio do castelo, soou, enfim, meia-noite.

Serpentina ergueu-se, cerrou o cortinado, tomou uma capa e saiu.

O marquês, depois que ela desapareceu, levantou-se também e seguiu-a, trêmulo e agitado.

Era noite de luar.

Andaram, atravessaram extensos vales, galgaram alcantilados montes.

Serpentina parou, enfim.

Estavam na orla de uma floresta espessa.

O desgraçado marido ouviu, gelado de terror, a voz argentina da esposa que cantava assim:

A hora desejada

Chegou, amante meu.

Fiel à fé jurada,

Aqui me tens, esposo;

Vem, pois, trazer o gozo

Ao peito que é só teu.

E, ao longe, no seio da floresta, uma voz igualmente melodiosa respondeu:

A hora desejada

Para ambos nós soou

Fiel à fé jurada,

*Aqui me tens, querida,
Vem dar prazer e vida
A quem sempre te amou.*

E, de súbito, um mancebo formoso saiu da floresta e estreitou ao peito Serpentina.

O marquês era animoso; arrancou do cinto um punhal e avançou para o rival desconhecido.

Dera apenas um passo e os membros se lhe inteiriçaram e o punhal desprendeuse-lhe dos dedos.

O amante e Serpentina ergueram-se da terra e desapareceram através das árvores gigantescas.

Um círculo de fogo os ligava e iluminava seus semblantes e seus lábios unidos que se osculavam.

O marquês ficara extático, insensível, imóvel como a esposa de Ló.
E ouvia-se, já ao longe, o cântico dos dois amantes:

*Unidos pelo amor,
Leais sempre seremos.
Desconhecendo a dor,
O mundo desprezamos.
Demônio e fada, amamos
A sorte que tivemos.*



No dia seguinte, o castelo d'Altamira era o teatro de cenas medonhas.
Serpentina não voltara.

Pelos vastos salões, pelas alamedas desertas vagueava um louco.
Era o marquês.



Meses passados, um bando de corvos banqueteara-se em seu cadáver,
que aparecera pendente dos ramos de uma árvore do parque.

Os velhos servos abandonaram, horrorizados, o castelo.

Desde então, todas as noites, incessantemente, à meia-noite, vinha
um vulto branco ao antigo quarto de noivado e a seu lado havia sempre um
outro vulto.

Esse era todo negro e, no lugar dos olhos, tinha dois círculos de fogo
azulado.

E, quando no velho relógio do castelo soava meia-noite, cantavam
ambos com a voz melodiosa:

*Unidos pelo amor,
Leais sempre seremos.
Desconhecendo a dor,
O mundo desprezamos.
Demônio e fada, amamos
A sorte que tivemos.*



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga

Preparação: Malu Schocair

Comunicação Digital: Rebeca Riga

Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

